

Representação da viagem em Ruy Duarte de Carvalho

Travel representation in Ruy Duarte de Carvalho

Hilarino Carlos Rodrigues da Luz

CHAM, FCSH, Universidade Nova de Lisboa / Universidade dos Açores
hluz@fcsh.unl.pt

Palavras-chave: Angola, Brasil, Ruy Duarte de Carvalho, produção literária, viagem.
Keywords: Angola, Brasil, Ruy Duarte de Carvalho, literary production, travel.

Pretendemos, com este artigo, abordar a representação da viagem em Ruy Duarte de Carvalho¹, um autor que foi encontrado morto no dia 12 de agosto de 2010 na Namíbia, Swakopmund, onde se tinha exilado de forma voluntária para ser feliz, como ele necessitava, e compartilhar os últimos dias da sua vida consigo próprio como granjeiam os grandes homens (Carvalho, 2011). Quando questionado se podia viver em Namibe, respondeu dizendo que era lá que se sentia perfeito, e que nunca se fartava, nem precisava de estar sempre a ler, de estar sempre a consumir alguma coisa, visto que era um ótimo lugar para se ficar velho (Coelho, 1999).

A sua morte suscitou vários comentários de familiares e amigos, nomeadamente de Justino de Andrade que relata esse acontecimento, referindo que se sentia: “que o Ruy Duarte de Carvalho vivia um exílio interior, e queria terminar os seus dias em paz, sem torturas psicológicas. Estava em fuga da agressividade

¹ A produção literária de Ruy Duarte de Carvalho é constituída por poesia, ficção, ensaio, narrativa, crónica e filmografia. Na poesia publicou *Chão de oferta* (1972); *Das decisões da idade* (1976), inicialmente *A decisão da idade*; *Exercícios de crueldade* (1978); *Sinais misteriosos... já se vê...* (1980); *Da lavra alheia I (ondula savana branca...)* (1982); *Lavra paralela* (1987); *Hábito da terra* (1988); *Memória de tanta guerra* (1992); *Ordem de esquecimento* (1997); *Lavra reiterada* (2000); *Da lavra alheia II (Observação direta)* (2000). Estes poemários estão reunidos na obra *Lavra: poesia reunida (1970/2000)* (2005).

Na ficção publicou *Como se o mundo não tivesse leste* (1977 e 2003); *Os papéis do inglês* (2000); *As paisagens propícias* (2005); e *A terceira metade* (2009). Na categoria ensaio, narrativa e crónica publicou: *O camarada e a câmara, cinema e antropologia para além do filme etnográfico* (1980); *Ana a manda: os filhos da rede* (1989); *A câmara, a escrita e a coisa dita: fitas, textos e palestras* (1997); *Aviso à navegação: olhar sucinto e preliminar sobre os pastores Kuvale* (1997); *Vou lá visitar pastores* (1999); *Os Kuvale na história, nas guerras e nas crises* (2002); *Desmedida: Luanda – São Paulo – São Francisco e volta, Crónicas do Brasil* (2007 e 2010), prémio Casino da Póvoa, Póvoa de Varzim (2008).

e da turbulência da vida de Luanda, onde até se torturam os anjos” (*apud* Carvalho, 2011, pp. XIII-XIV).

Para falar do autor, em apreço, Francisco José Viegas admite que foi José Eduardo Agualusa quem lho apresentou a par das suas obras, merecendo destaque *Vou lá visitar pastores, Os papéis do inglês* e poesia reunida *Lavra*, por essa razão reteve a imagem do: “homem do deserto, cruzando a solidão do Namibe (Moçâmedes) falando com solitários, albergando-se em acampamentos de *mucubais*. [...] A sua morte colhe-nos em pleno Verão sem tempo para homenagens que sejam a de procurar os seus livros na estante. (Viegas, 2010. Disponível em <http://ler.blogs.sapo.pt/678412.html>).

Ruy Duarte de Carvalho viu a vida como uma viagem e também entendeu que era necessário inventar o mundo com o propósito de defender a sua similitude em toda a parte do globo. Isso porque, segundo o próprio:

Há viajantes que nos revelam mais sobre certas paragens do que todas as viagens que porventura lá tenhamos feito... talvez porque nesta onda da globalização, de que tanto se procura falar, se viaja tanto, no real e no imaginário, por túneis feitos de interiores de aviões iguais, a demandar aeroportos iguais donde o viajante se transfere, entre avenidas iguais, para quartos de hotel e de conferência ou reunião iguais...talvez porque toda a literatura tenha talvez que abrir-se sempre ao que há para além, à aventura e ao mundo e porque escrever é sempre partir. (Carvalho, 2008a, p. 121)

Para o mesmo autor:

Existem, segundo os livros, viagens de negócios, de exilado, de deportado, viagens clandestinas, de espião, de emigrante, viagens políticas, apostólicas, humanitárias, missionárias, peregrinas, existem até viagens de amor. Mas essas não são viagens apontadas ao ver, ao olhar, e de que resultem textos sobre o viajar. Viagens, a nós, aqui e agora, importam-nos são aquelas que geram livros. Há mesmo até viagens que o que visam é só livros. (Carvalho, 2008a, p. 121)

Neste sentido, questiona: “O que seria de uma viagem sem o livro que a aviva, que lhe prolonga o rastro – e sem todos os livros, também, que a guiaram e lemos antes de nos metermos a caminho?” (Carvalho, 2008a, p. 121). O próprio se encarrega de responder esta questão referindo que o que o atrai é, sobretudo, o texto que extraí desses acontecimentos, facto que se sucede com um explorador, visto que ele “é um viajante que atravessa, procura, regista e passa. Sempre em busca do novo e em fuga para a frente” (Carvalho, 2008a, p. 122).

A viagem configura-se na sua escrita como uma possibilidade de visitar lugares como um veículo de diferenciação de um outro projeto de vida vivido noutros espaços, como Luanda, assim como a possibilidade de concretizar viagens intercontinentais, o que se sucede, por exemplo, na obra *Desmedida: Luanda – São Paulo – São Francisco e volta*, nomeadamente ao ter considerado que: “Livros há, pelo contrário, que resultam das paixões viajeiras de devoradores de espaços” (Carvalho, 2008a, p. 122).

Em entrevista a jornalista Alexandra Lucas Coelho, Ruy Duarte de Carvalho admite que estava:

A chamar atenção para uma Angola que as pessoas não sabem que existe porque a atualidade de Angola é de tal forma confrangedora que as pessoas só se detêm nos aspetos catastróficos. A Angola de hoje é uma coisa geograficamente de tal forma insularizada e de difícil circulação que as pessoas acabam por se ocupar só de Luanda. Esquecem-se que Angola é vasta e tem angolanos... lá no fiiim! que por razões culturais, como é o caso dos kuvale, por razões da atualidade político-militar, vivem em situações de grande isolamento, que reabilitaram sistemas de produção, de circulação económica que até implicam dispositivos de troca... Em Angola, na situação de descalabro generalizado, as populações que melhor resistiram à crise foram estas, porque têm leite e carne e gerem-nos, e produzem excedentes, que podem trocar por milho vindo do exterior. (*apud* Coelho, 1999, p. 2)

Contudo, o mesmo autor admite que nunca conseguiu que a universidade valorizasse os seus projetos de pesquisas resultantes das viagens que fez ao sul de Angola durante muitos anos, como se nota na seguinte transcrição:

[...] nunca consegui que a Universidade ligasse a mínima aos projetos de pesquisa que consegui manter ao longo de muitos anos no sul do país, embora tivesse sempre invocado andar trabalhando temas e questões de espaço e de território que, para além de poderem ter interesse nacional, haveriam certamente de interessar também aos currículos escolares em vigor e ao que me era exigido enquanto professor de antropologia do espaço, precisamente no Departamento de Arquitetura da Faculdade de Engenharia, onde aliás ia expondo os resultados da minha pesquisa quando achava que eles convinham às aulas que lá dava [...]. (Carvalho, 2011, pp. 76-77)

É neste sentido que aos 58 anos ainda se encontrava “a dormir nas pedras” entre os mucubais ou os kuvale, “os que partilham bois e têm leite, os pastores de que ninguém se lembra” (Coelho, 1999, p. 1), visto que Angola é um país culturalmente diversa. Essa diversidade é entendida como sendo incontornável “tanto na horizontal, em relação à extensão geográfica do país e aos diferentes grupos humanos que lhe habitam o território, como na vertical, em relação aos comportamentos dos vários extratos da sua composição social” (Carvalho, 2011, p. 78). É com base nessa diversidade cultural “que muitas populações angolanas inseridas no interior do país e não só, terão, em grande medida, conseguido garantir a sua viabilidade vital e social ao longo das últimas décadas” (Carvalho, 2011, p. 78). Segundo Alexandra Lucas Coelho, já citada, Ruy Duarte de Carvalho ia e voltava ao sul de Angola “com diários e cassetes, porque “ainda tem coisas a dizer para cá para fora”, aos decididores, aos que “acumulam automóveis nos quintais de Luanda”, aos que repetem equívocos da “chamada ajuda humanitária” (Coelho, 1999, p. 1).

Para Maria Cardeira da Silva:

Vultos, para alguns ameaçadores, rondam ultimamente a antropologia: o do escritor, o do jornalista, o do viajante – pior, o do turista... E, neste roçar de personagens, encontram alguns antropólogos desencanto e desilusão que só resolvem desenterrando alicerces caducos e empoeirados da ciência, enquanto outros entram em frenesim pós-moderno de bricolage discursiva e disciplinar, atrás de um universo de análise que, por parecer escorregar-lhe entre os dedos, tentam agarrar num último e enorme esforço de esteticização, renunciando a qualquer tentativa de compreensão mais generalista da cultura. Para uns e outros desses antropólogos, mas também para

o escritor, o jornalista, o viajante e mesmo o turista, ir “visitar os pastores” com Ruy Duarte de Carvalho pode ser uma viagem redentora. (Silva, 1999, p. 3)

A ideação da viagem representa, igualmente, a possibilidade de dar a conhecer a vida de outros angolanos, constituindo-se um propósito de ordenação de um país em que a mobilidade para fora do centro representa um motivo singular de perspetiva em que a concretização dessa disposição incorpora a existência do sujeito. Esse trabalho, de cariz etnográfico, tinha como principal propósito captar e registar a imagem de Angola ainda desconhecida, conforme pressupomos anteriormente, estando as suas atenções voltadas para o sul do país, como também acontecera na poesia, procurando valorizar e legitimar as identidades angolanas. O sul tornou-se, portanto, no local de diálogo, aprendizagem e interação, facto que o motivou a citá-lo várias vezes em toda a sua criação artístico-literária, como se nota, por exemplo, no poema “O sul”:

O sul // O sol o sul o sal / as mãos de alguém ao sol / o sal do sul ao sol / o sol em mãos de sul / e mãos de sal ao sol // e sal do sul em mãos de sol / e mãos de sul ao sol // um sol de sal ao sul / o sol ao sul / o sal ao sol / o sal o sol / e mãos de sul sem sol nem sal // Para quando enfim no sul / ao sol / uma mão cheia de sal? (Carvalho, 2005, p. 13)

Para a concretização desse desejo, o mês de junho representa a altura ideal para ir ao Namibe. Dessa viagem resulta muitas das suas publicações, havendo a destacar *Vou lá visitar pastores*, uma obra que revela a “sua condição de poeta” e que situa essas populações num enquadramento histórico e geográfico (Coelho, 1999). Trata-se de uma obra organizada como se fosse uma conversa entre o narrador e um amigo jornalista que trabalha nos serviços portugueses da BBC, em Londres, que combinou encontrar-se com Ruy Duarte de Carvalho para visitar o deserto. Esse amigo não aparece e o autor deixa-lhe uma série de cassetes:

Em agosto de 1997 fiz mais uma ronda pela Província do Namibe, sudoeste de Angola, onde desde 1992 mantenho um contacto frequente com alguns pastores kuvale. Estava previsto acompanhar-me, para se inteirar da terra e das gentes, e olhar para Angola a partir dali, um amigo meu, fixado em Londres e repórter da BBC. Acabei por fazer a viagem sem ele. Tardava e eu não podia adiar a partida. Admiti no entanto que talvez pudesse chegar ainda nos próximos dias, a tempo de alcançar-me. Fui-lhe por isso deixando cassetes com a gravação do que contava dizer-lhe pelo caminho. Era a maneira de tentar ajudá-lo, mesmo assim, a alargar o contacto com o que buscava. Não chegou a aparecer e mais tarde transcrevi essas cassetes. Divulgo agora os salvados, são a viagem do texto. (Carvalho, 2015, p. 11)

Para José Eduardo Agualusa:

Este livro não se parece com nenhum outro. Para quem leu a já vasta obra poética de Ruy Duarte, a sua obra enquanto antropólogo (em particular *Aviso à navegação*) e as duas luminosas novelas compõem *Como se o mundo não tivesse leste*, mal editado em Portugal, primeiro pela Limiar e depois pela Vega, para quem leu tudo isto, *Vou lá visitar pastores*, era um livro há muito tempo anunciado. Mais do que isso é um texto que de alguma forma resume todo o originalíssimo percurso anterior de Ruy Duarte, combinando, com assombrosa harmonia, um registo poético, científico e até ficcional. (Agualusa, 1999, p. 2)

Desta feita, partilhamos da opinião de Maria Araújo quando refere que a viagem:

Afigura-se, não só um princípio de uma realidade ordenada no tempo e no espaço, mas também iniciação, enquanto itinerário que dota o viajante de um novo saber. Deparamo-nos, por conseguinte, com duas viagens que se sobrepõem, mas que não se confundem: a viagem de facto efetuada na vigília solar e a viagem iniciática que ocorre no hemisfério onírico. A viagem é a rutura, partida de um lugar conhecido para outro, desconhecido, de múltiplas errâncias, entre margens, chegar e partir, travessias que remontam ao esquecido princípio nómada do homem. (Araújo, 2008, p. 109)

Esta temática expressa uma forma simbólica de manter o sentido de um itinerário vivido internamente no plano físico, intercontinental e entre realidades diferentes, facto que faz Marta Lança considerar que:

A mobilidade predispunha-se ao acontecimento, à alegria da experiência e até ao contágio da expressão (em *Desmedida* sente-se a sua fala-escrita começar a abrandar-se, numa simbiose entre a coloquialidade angolana e a formalidade portuguesa). É que “tem viagens e tem fugas” e a viagem era um programa, exigindo preparação, abundantes leituras prévias sobre os contextos dos territórios a percorrer, muita observação e uma metodológica escrita de notas durante a viagem, para fixar o que lhe haveria de dar a pensar depois na aventura dos livros. (Lança, 2011)

Trata-se de uma estória ou de uma viagem que, segundo Ruy Duarte de Carvalho, começa de um lugar que:

[...] tem um ponto no mapa do Brasil, tem um vértice que é onde os Estados de Goiás, de Minas Gerais e da Bahia se encontram, e o Distrito Federal é mesmo ao lado. [...] é lá que se passa muita da ação do *Grande Sertão: veredas*... e depois descer para o alto São Francisco, que é o resto das paisagens de Guimarães Rosa...e ao baixo São Francisco, podendo, ia também...porque encosta aos Sertões euclidiano...sou estrangeiro aqui e nada me pede de incorrer no anacronismo de querer ir ver, de perto, Guimarães Rosa e Euclides da Cunha. (Carvalho, 2008b, p. 15)

Neste sentido, na referida obra *Desmedida: Luanda – São Paulo – São Francisco e volta*, Ruy Duarte de Carvalho empreende uma viagem ao sertão brasileiro no caminho dos bandeirantes que galgaram o Rio São Francisco, mas a sua busca tem outros orientadores, tais como as descrições de Blaise Cendrars, poeta e escritor mutilado pela primeira guerra mundial e aventureiro brilhante, que se encontrou com Paulo Prado, em Paris, uma grande figura brasileira, membro de umas das famílias mais poderosas do Brasil, produtor e exportador de café, mecenas sempre pronto a ajudar artistas que reconhecia qualidade, nomeadamente Heitor Villa-Lobos; Richard Burton, os romances de João Guimarães Rosa e Euclides da Cunha, entre outros, assinalando a figura do narrador no lugar espacial e temporal das paisagens físicas e literárias.

Na altura do encontro de Blaise Cendrars com Paulo Prado, encontravam-se em Paris muitos dos elementos da Semana de Arte Moderna de São Paulo (1922),

a destacar: Oswaldo de Andrade, Tarsila do Amaral, Sérgio Millet, Di Cavalcanti. Esse momento marcou a apresentação de Tarsila do Amaral a Fernand Léger, encontro que viria a ter uma grande importância na obra da pintora brasileira. Blaise Cendrars e Léger andavam numa aventura que envolvia tudo em Paris, nomeadamente Darius Milhaud, Jean Cocteau e os balés suecos. O compositor Darius Milhaud tinha servido como adido cultural na Legação Francesa do Rio de Janeiro, em 1917 e 1918, durante o consulado de Paul Claudel (Carvalho, 2008b).

Refira-se que Blaise Cendrars permaneceu no Brasil durante alguns meses no ano de 1924, tendo feito conferências em São Paulo e andado com Oswaldo de Andrade, Mário de Andrade e Tarsila do Amaral pelas cidades do ouro de Minas Gerais durante a semana santa. Voltou ao Brasil em 1926, 1927-1928, para passar o carnaval do Rio de Janeiro. Manifestou o seu amor pelo país, razão pela qual o proclamou como sendo a sua “Utopiolândia”, ou seja, a sua segunda pátria espiritual. A partir da sua passagem pelo país:

Tanto a sua vida como a sua obra acabaram por mudar de rumo [...]. Chegou como aspirante a cineasta derrotado e deprimido, voltou meses depois a França para escrever, em poucas semanas, *L'Or*, um romance, género que nunca tinha praticado e lhe garantiu de imediato um novo e retumbante sucesso. (Carvalho, 2008b, p. 19)

Ruy Duarte de Carvalho passou a conhecê-lo a partir de leituras que foi fazendo ao longo da vida, merecendo destaque a obra *Maravagine*, uma leitura que considera fundamental. Também, à semelhança de Blaise Cendrars, teve as suas experiências nas fazendas de café, uma vez que trabalhou dos dezanove aos vinte e cinco anos em muitas regiões cafeeiras de Angola. A sua ida ao Brasil ficou marcada pela, já referida, passagem por Paris, tendo levado um livro do dito autor francês, razão que o faz referir que:

Cendrars, no tempo dele, tinha vindo ao Brasil numa altura em que brilhava já há mais de dez anos como figura das mais marcantes na vanguarda literária e artística de Paris, depois de ter publicado *Les Pâques à New York e Prose du Transiberien et de la petite Jehanne de France*, de quem Rilke viria a dizer tratar-se da genial poesia de um cantor de ruas. Esses poemas deram a volta à poesia escrita em francês e mudaram até o rumo do que fazia o próprio Apollinaire, consta. Revelavam um arrojo na desmedida de que não haveria notícias desde Rabelais, dizem os especialistas. (Carvalho, 2008b, p. 17)

Também considera que Blaise Cendrars influenciou:

[...] os rapazes que em [1922] desencadearam o movimento modernista [brasileiro], [que] viria a dizer mais tarde Manuel Bandeira. Ele vinha a calhar, referem outros, para tornar-se o avalista estrangeiro do arranque modernista. O movimento *Pau-brasil*, de Tarsila e de Oswaldo, terá mesmo nascido e achado o seu tom na companhia de Cendrars, e as suas imagens e obra convinhem em absoluto a essa campanha brasileira contra o pieguismo romântico e a “cruza de açougue” do realismo, acrescentam ainda alguns. Tratava-se de cantar, a par de uma brasilidade ainda muito em busca de si mesma, o fluxo da vida moderna, a importância do tempo material, o motor, o asfalto, o cinema, a electricidade, a iluminação, as engrenagens fabris e a velocidade. (Carvalho, 2008b, p. 20)

O destaque que Ruy Duarte de Carvalho dá a Blaise Cendrars resulta do facto de ter conhecido a autenticidade do Brasil profundo, uma autenticidade que lhe permitiu recriar e encontrar-se além da superfície. Por essa razão, o retrato que faz do Brasil é fiel à sua essência. Assim, voltando ao livro *Desmedida: Luanda – São Paulo – São Francisco e volta*, o autor fixa uma conexão contraditória e ambígua entre o título avocando o indefinido, o sem limite, o incompleto e as designações do título que traçam um roteiro de viagens que tem Luanda como ponto de partida e de regresso. Desta feita, caberá na dita obra, segundo o próprio:

[...] a distância que vai da gloriosa desmedida da intenção à desmedida vã de tanta página: o alcance da intenção que permanecerá para sempre inacessível ... não há redacção que não acabe por colocar ao autor o abismo que medeia entre o brilho da ideia que perseguiu e a palidez do resultado que alcançou ... acometeu a caverna de alibabá e não trouxe de lá senão um miserável punhado de tostões... (Carvalho, 2008b, p. 313)

Portanto, partir para o Brasil significa explorar com sentido de estudar, pesquisar, ou mesmo tentar entender o país, porque com essa atitude passa a ter o estatuto de exportador da cultura de um país diferente do seu. Note-se, por exemplo, um sujeito que explora o exótico e exporta a intenção e o espírito aventureiro do supracitado Blaise Cendrars. Desta feita, essa viagem alicerça-se na percepção da situação e nos apontamentos memorialísticos, o que a faz entrecruzar em estratos espaciais e temporais, mormente a escrita da obra num hotel em São Paulo, nas margens do Rio São Francisco; a viagem que faz o narrador transitar de uma fazenda de café do interior de São Paulo ao percurso do Rio São Francisco e ao Recôncavo Baiano, viagem interrompida por um regresso a Luanda; e algumas leituras que o acompanharam, visto que, segundo o próprio:

De Luanda ainda, por imperioso e misterioso impulso, trazia também um esfarrapado *Capítulos da história colonial* de Capristano de Abreu. Passei entretanto por Paris, antes de aqui chegar, e trazia também de lá, em cómodas e leves edições de bolso, dois livros assinados de Edgar Morin, meu velho mestre, um sozinho, *Amour, poésie, sagesse*, 1997, e outro com Boris Cyrulnik, outra sapiência que há muitos anos não perco de vista, *Dialogue sur la nature humaine*, 2004. A que juntei, noutro impulso premonitório, *D' Oultramer à Indigo*, de Blaise Cendrars para ler no caminho e juntar depois a pelo menos mais dois exemplares que hei de ter arrumado em Luanda. (Carvalho, 2008b, p. 314)

Para finalizar, diríamos que essa viagem adota muitas derivas ao gosto das complexas particularidades e individualidades do próprio narrador, ao mesmo tempo viajante, etnólogo, cineasta e poeta e das suas interpelações sobre a validade da história oficial e das indeclináveis casualidades temporais da palavra escrita.

Referências bibliográficas

- Agualusa, J. E. (1999). O deserto como nunca viu. *Público*, 3367, 1-3.
 Araújo, M. M. J. C. (2008). *Textos afro-americanos e textos africanos: dis-cursus do eu repartido da diáspora discursiva moderna* (Tese de Doutoramento). Lisboa: Faculdade de Letras.
 Carvalho, R. D. (2005). *Lavra*. Lisboa: Edições Cotovia.

- Carvalho, R. D. (2008). *A câmara, a escrita e a coisa dita: fitas, textos e palestras*. Lisboa: Edições Cotovia.
- Carvalho, R. D. (2008). *Como se o mundo não tivesse leste*. Lisboa: Edições Cotovia.
- Carvalho, R. D. (1998). Os vastos silêncios da Savana (Entrevista a José Eduardo Agualusa). *Caravela: Studi e ricerche di língua e letterature di espressione portoghese*, 23-32.
- Carvalho, R. D. (2008). *Desmedida: Luanda – São Paulo – São Francisco e volta*. Lisboa: Edições Cotovia.
- Carvalho, R. D. (2011). *O que não ficou por dizer*. Luanda e Lisboa: Associação Cultura e Recreativa Chá de Carnide.
- Coelho, A. L. (1999). Angola está viva. *Público*, 3367, 1-3.
- Lança, M. (2011). Uma espécie de viagem. *Desmedida* de Ruy Duarte de Carvalho. Disponível em <http://www.buala.org/pt/ruy-duarte-de-carvalho/uma-especie-de-viagem-desmedida-de-ruy-duarte-de-carvalho>.
- Silva, M. C. (1999). O milagre do antropólogo. *Público*, 3367, 1-3.
- Viegas, F. J. (2010). Sobre a morte de Ruy Duarte de Carvalho. Disponível em <http://ler.blogs.sapo.pt/678412.html>.

Resumo

Ruy Duarte de Carvalho, um autor de referência da língua portuguesa que valorizou as línguas locais angolanas, viveu a sua infância em Moçâmedes, Angola, e regressou a Santarém, Portugal, local do seu nascimento, em 1955, onde concluiu o curso de Regente Agrícola, na Escola Superior Agrária. Com uma produção literária constituída por poesia, ficção, ensaio, narrativa, crónica e filmografia, encontramos no autor um modo singular “de manifestar, de entender, de planejar, de executar e de representar a cultura” dos territórios por onde passou, nomeadamente o sul de Angola e o Brasil.

Essa abordagem apresenta-se como um instrumento de diferenciação cultural capaz de distinguir espaços entendidos como o resultado da sua habilidade de projetar o imaginário, a partir do qual se nomeiam o corpo social, o referido espaço e o próprio tempo.

A mobilidade predispunha-o ao acontecimento, à exultação da experiência e inclusive a procurar as proximidades e diferenças. Segundo Marta Lança, “a viagem era um programa, exigindo preparação, abundantes leituras prévias sobre os contextos dos territórios a percorrer, muita observação e uma metodológica escrita de notas durante a viagem, para fixar o que lhe haveria de dar a pensar depois na aventura dos livros” (Lança, 2001).

Abstract

Ruy Duarte de Carvalho, a major reference in Portuguese-language literature who promoted local Angolan languages, spent his childhood in Moçâmedes, Angola, and returned to Santarém, Portugal, where he was born in 1955 and where he completed his degree in Agricultural Regent at the *Escola Superior Agrária*. With a literary production made up of poetry, fiction, essays, narratives, columns and films, we find in him a unique way “of manifesting, understanding, planning, making and representing the culture” of the territories he travelled through, namely in southern Angola and Brazil.

That approach is presented as an instrument of social differentiation capable of distinguishing between spaces understood as the result of their ability to project the imaginary, from where the social body, the mentioned space, and time itself are nominated.

Mobility predisposed him to events, to the exaltation of experience, and even to the search of similarities and differences. According to Marta Lança, “travelling was a programme, requiring preparation, plenty of prior reading on the contexts of the territories to be covered, a lot of observation and methodological writing of notes while travelling, so that he could fix what would then give him food for thought in his adventure of books” (Lança, 2001).